



Produtos de artesanato e indústria doméstica na feira de Virgem da Lapa

# Programa de apoio às feiras e à agricultura familiar no Jequitinhonha mineiro

## Feiras de Minas

**F**eiras livres fazem parte das tradições mineiras. No vale do Jequitinhonha, elas existem em todos os municípios. Nas madrugadas dos sábados, uma multidão de lavradores(as) sai do sítio para a feira, a pé, a cavalo ou no caminhão, para vender e comprar. O tamanho dessas feiras varia. Enquanto em Almenara a feira ocupa quatro quar-

Eduardo Magalhães Ribeiro, Boaventura Soares de Castro, Luiz Henrique Silvestre, Juliana Sena Calixto, Daniel Prado Araújo, Flávia Maria Galizoni e Eduardo Barbosa Ayres\*

teirões além do mercado, em Berilo não chega a ocupar todo o espaço do mercado público. O perfil dos participantes varia também. Em alguns municípios, só produtores podem vender, caso de Turmalina; noutros, eles disputam com intermediários, caso de Araçuaí. Em algumas

**épocas do ano, as feiras são mais especializadas. No tempo das águas, por exemplo, são os produtos da pecuária e da coleta que prevalecem. Já no tempo da seca, são os produtos da horta, do pomar e da indústria doméstica rural que têm mais saída. Há certas ocasiões em que elas são muito boas para quem vende, como no fim de ano e festas juninas; e outras em que são boas para o comprador, no auge da seca e em abril/maio, período que marca o início da estação de migração dos jovens para o corte de cana e colheita de café.**

À primeira vista, o movimento que acontece nas feiras parece pequeno, mas elas são excelentes para agricultores familiares, para consumidores e para o comércio urbano. Quanto menor o município, maior costuma ser o impacto das feiras.

Os produtores ganham porque garantem a comercialização da produção, que de outra forma seria difícil nessas economias de pouca liquidez. Eles geralmente vendem à vista e, em pouco mais de três horas, conseguem vender tudo, ou quase tudo, o que levam à feira. Quando se especializam e *capricham* num produto, a venda é ainda mais fácil. Estudo feito pela Universidade Federal de Lavras (UFLA) no Alto Jequitinhonha verificou que os feirantes que beneficiavam produtos derivados de milho, mandioca ou cana obtinham renda maior nas feiras do que na migração sazonal para São Paulo. Na época da pesquisa, a renda mensal do agricultor-feirante se situava entre R\$ 40,00 e R\$ 400,00, com a média tendendo para R\$ 200,00, o que correspondia a um salário-mínimo ou uma aposentadoria.

Os consumidores ganham porque têm garantido um abastecimento regular, de qualidade e, principalmente, adaptado aos seus hábitos alimentares. A dimensão reduzida do mercado desses municípios geralmente inviabiliza uma oferta de verduras e frutas frescas vindas de outra região. É na feira que o consumidor encontra frutas da estação coletadas nas *chapadas*; rapaduras na cor e tamanho que preferem; farinhas no ponto, *finura* e clareamento que gostam; peixe fresco; a verdura de época. Os consumidores dizem que nenhum estabelecimento de verdureiro profissional, ou *sacolão*, substitui a feira, porque é nela que encontram os produtos que fazem parte de seus costumes alimentares.

E, por fim, ganham os comerciantes. Assim que acabam de vender seus produtos, os feirantes vão ao comércio e adquirem bens de consumo: sapatos, roupas,

óleo, sabão, macarrão. Como vendem à vista, compram também à vista, e tornam o final da manhã de sábado das pequenas cidades tão bom para o comércio quanto a véspera do dia da festa do santo padroeiro ou o dia do pagamento das aposentadorias.

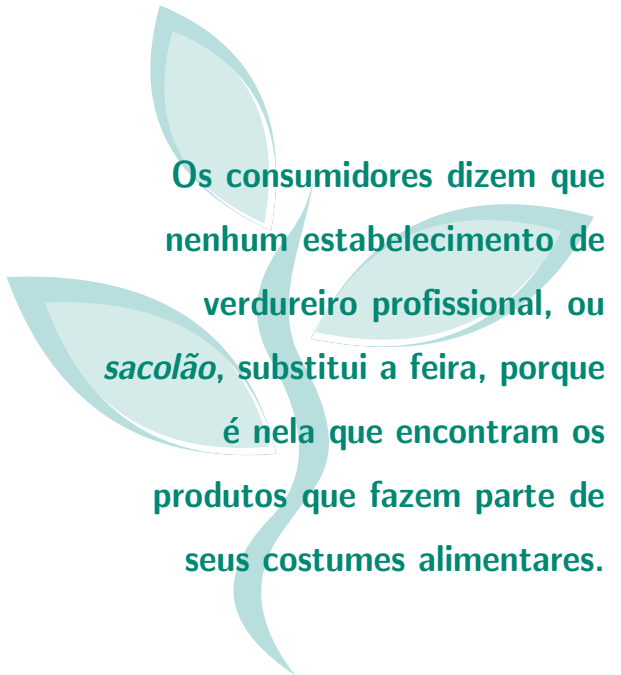
Mas feiras são mais que pontos de comercialização da produção da agricultura familiar. São também espaços públicos onde circulam alimentos, bens, pessoas e culturas. Além de serem o lugar das vendas, são também o local de encontro, da articulação política e sindical, da amizade, da reprodução da identidade e da cultura das muitas agriculturas familiares do vale do Jequitinhonha. Por tudo isso, são espaços de grande potencial para ações coletivas.

## Feiras e programas públicos

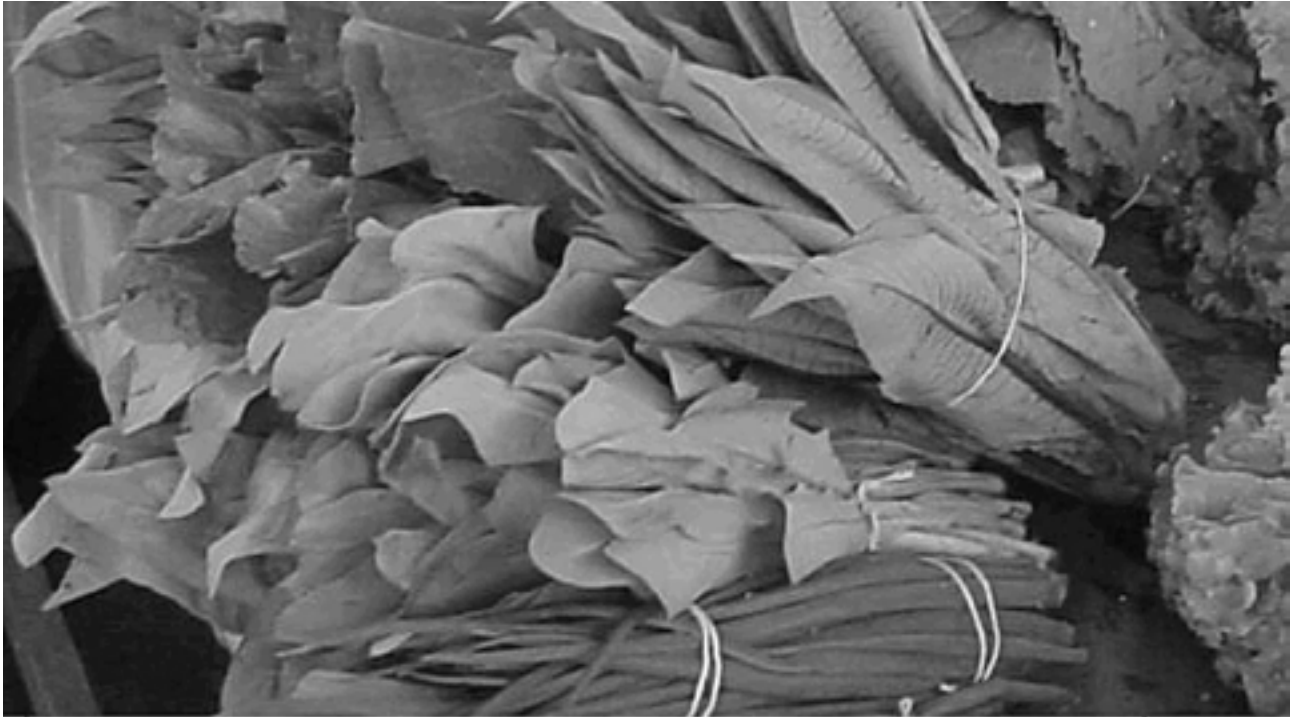
Embora sejam importantes para agricultores familiares e consumidores, para o comércio e a cultura local, raramente as feiras livres merecem atenção de programas, governamentais ou não, de apoio ao desenvolvimento rural. Isso revela a invisibilidade econômica de atividades locais, a marginalização da agricultura familiar nos programas de desenvolvimento dos municípios e, mais ainda, demonstra o caráter produtivista dos programas públicos.

A ação pública mais freqüente em relação às feiras atinge, quando muito, o transporte. Prefeituras bem-intencionadas estabelecem rotas de deslocamento dos caminhões de transporte de feirantes, que às vezes é gratuito, o que reduz o custo da comercialização, estimula a oferta de produtos, eleva a renda dos(as) agricultores(as), regulariza o abastecimento urbano e melhora as vendas do comércio. Porém, não são muitas as prefeituras que tomam essa iniciativa.

De forma geral, os programas pensados para apoiar a comercialização da agricultura familiar têm por



**Os consumidores dizem que nenhum estabelecimento de verdureiro profissional, ou *sacolão*, substitui a feira, porque é nela que encontram os produtos que fazem parte de seus costumes alimentares.**



Verduras na feira de Minas Novas

meta buscar ou construir novos mercados, na maior parte das vezes situados em lugares distantes. Isso provoca uma série de dificuldades, como demora na prestação de contas, elevação dos custos de intermediação e perda de produtos, o que, por sua vez, desestimula as organizações de agricultores. É por esse motivo que as iniciativas recentes de agências, estatais ou não, de apoio a programas locais de comercialização têm apontado as feiras livres municipais como um bom caminho, embora mais difícil sob vários aspectos, uma vez que lida com situações cristalizadas, boa parte delas mediadas pelo ranço forte do mando local e de vantagens pessoais estabelecidas. Mas sob outros aspectos é um caminho rico, que torna viável a participação direta de vendedores e compradores e, como o tema é universalizado, faz com que todas as pessoas fiquem em condição de opinar. As ações geralmente exigem mais boa vontade que dinheiro.

Foram esses motivos que levaram o Núcleo de Pesquisa e Apoio à Agricultura Familiar Justino Obers (PPJ/Ufla) e o Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica (CAV) a formularem o Programa de Apoio às Feiras Livres do Alto e Médio Jequitinhonha. Esse Programa, concebido e executado em parceria com a Comissão Regional de Segurança Alimentar e Nutricional do Alto e Médio Jequitinhonha (CRSAN), tem como objetivo pesquisar feiras, identificar problemas, soluções e alternativas, além de propor ações concertadas para seu melhoramento.

## Histórico do Programa

O Programa surgiu da experiência conjunta do CAV e do Núcleo PPJ/Ufla, que mantêm desde 1999 uma sólida cooperação em temas relacionados ao desenvolvi-

mento e produção agroecológica. O assunto feira começou a ser debatido nessa parceria em decorrência de estudos sobre coleta de frutos e essências nas chapadas do Alto Jequitinhonha. Da coleta, passou à comercialização, da comercialização se descobriu a feira e, da pesquisa na feira, se chegou à formulação de programas municipais de apoio às feiras. O primeiro deles foi executado em Turmalina (2001/2004, com apoio da Cáritas), e o segundo em Minas Novas (2003/2004). A partir dessas experiências surgiu a idéia de um programa mais amplo, mesorregional, envolvendo organizações dos 22 municípios que participam da CRSAN.

Para esclarecer a concepção do Programa, optamos por analisar o caso de Minas Novas. Ele revela o tipo de informação que a pesquisa em feiras fornece e as bases para um programa municipal e regional de apoio a esse tipo de atividade.

A feira livre de Minas Novas é realizada num galpão coberto, aos sábados, e é meio de escoamento da produção de aproximadamente 180 famílias agricultoras. A participação é livre. Não são cobradas taxas e são comercializadas principalmente frutas/verduras, que predominam em 42% dos pontos de venda. Mas a diversificação também é uma característica dessa feira, que conta com grande presença de produtos beneficiados, artesanato, carnes, produtos do extrativismo, entre outros.

A cada sábado, cerca de 2.000 pessoas frequentam a feira, tanto homens quanto mulheres. Desse total, apenas 40% são consumidores e, destes, 65% são mulheres. A feira, assim, se configura como um espaço não apenas de trocas, mas também de lazer, um evento social, principalmente para os homens, que vão lá comer pastel, ver os amigos, conversar fiado.

A importância dessa prática na vida das famílias do município pode ser observada pelo fato de que 23% delas possuem algum tipo de relação com a feira. Ela recebe consumidores com distintas capacidades de compra, cujas características mudam no decorrer da manhã do sábado. Entre 6h e 9h30, estão à venda os produtos com preços mais elevados e há predominância de consumidores com maior poder aquisitivo. Após 9h30, a situação se inverte: os preços caem e o número de pessoas com menor poder aquisitivo cresce.

Entre os consumidores, 80% têm o costume de ir à feira todas as semanas, o que demonstra a grande aceitação dos produtos ofertados pela agricultura familiar e a relação dos produtos com os padrões de consumo locais e com a segurança alimentar da população, visto que os alimentos da cultura local estão acessíveis, a preços que possibilitam o consumo por diferentes camadas da sociedade. A maioria dos frequentadores (74,35%) gasta menos de R\$ 20,00 por feira, o que é justificado pelo fato de as compras serem efetuadas para a semana, não existindo a compra para estoque familiar, dada a perecibilidade do que é vendido. Entre os produtos mais consumidos estão as frutas e verduras. Em seguida, vêm os produtos da indústria doméstica rural (IDR) e depois, as carnes. Para o consumidor, a feira apresenta vantagens que vão desde atributos relacionados a padrões de qualidade específicos, como a produção sem agrotóxicos, até práticas ligadas à articulação política, que incluem a valorização da produção local e a permanência do dinheiro das vendas no município. Outros atrativos são os preços menores, a variedade concentrada num mesmo recinto e a associação à agricultura familiar.

O homem ou mulher que vende na feira de Minas Novas tem sempre a seguinte característica: trabalha em família. Às vezes, o homem vende na feira e a mulher trabalha na roça, ou vice-versa. Outras vezes é um filho que

**Todos os feirantes pesquisados realizam atividade produtiva rural, sendo que 75% deles comercializam apenas produtos do seu próprio trabalho, criando interação direta entre produtor e comprador, uma relação valorizada pelos consumidores.**

Foto: Eduardo Ribeiro



Feira de Carbonita

vai à cidade vender a produção enquanto a família fica trabalhando na roça. Enfim, o trabalho sempre é feito em família. A maioria dos feirantes (82%) vai a todas as feiras do mês e o restante frequenta quinzenalmente ou apenas mensalmente. A frequência tem forte relação com a disponibilidade do transporte gratuito, essencial para metade deles.

Todos os feirantes pesquisados realizam atividade produtiva rural, sendo que 75% deles comercializam apenas produtos do seu próprio trabalho, criando interação direta entre produtor e comprador, uma relação valorizada pelos consumidores. Na feira, também existem intermediários. Esses vendem o que não produzem, mas têm papel importante por proporcionar renda às pessoas que não comparecem à feira, além de aumentar a oferta com baixos custos de intermediação. Seu fluxo de mercadoria é pequeno, o que limita seu poder sobre o consumidor.

Constatou-se que as vendas da feira têm importante participação na composição do rendimento total das famílias. Para 40% dos entrevistados, a feira é a única fonte de renda e, para 64% dos feirantes, ela representa mais da metade do rendimento mensal total. Em média, os feirantes auferem R\$ 318,65/mês, o que correspondia a 1,33 salários-mínimos entre janeiro e fevereiro de 2004. No entanto, essa renda variava entre R\$ 32,00 e R\$ 1.180,00. Os menores valores abrangiam famílias detentoras de outras fontes de recursos, como programas governamentais, enquanto a maior renda estava no segmento de frutas e verduras, com famílias especializadas, cujos rendimentos oriundos da feira correspondiam a 100% de sua renda total. Entre os segmentos de produtos, o que gera maior ganho mensal é a indústria doméstica rural – R\$400,00 –, o que se justifica pelo valor agregado, menor perecibilidade e transporte geralmente menos delicado, mas é o segmento mais exigente em inversão de capital quando consideramos os níveis de recurso de que os feirantes dispõem. Em seguida, vem o segmento de frutas e verduras (cuja renda supera R\$380,00), mais aberto, pois mesmo aquele que não tem propriedade da terra pode entrar. Por outro lado, é o mais arriscado, pela perecibilidade e transporte delicado.



Circulam mensalmente na feira de Minas Novas entre R\$ 57.000 (renda estimada pelos feirantes) e R\$ 61.000,00 (despesa estimada pelos consumidores).

Os feirantes gastam parte ou tudo o que recebem no comércio da cidade, principalmente em dia de feira, aproveitando dessa forma o transporte disponibilizado pela prefeitura. O leque de estabelecimentos beneficiados é amplo: supermercados, açougues, lojas, cabeleireiros, papelarias. As aquisições realizadas pelos feirantes elevam o dinamismo do comércio urbano. Determinados setores, como é o caso dos supermercados, chegam a registrar até 50% de aumento das vendas em relação aos outros dias da semana. Esses impactos apresentam um ritmo sazonal, com picos na estação das chuvas e no fim de ano, quando a produção e a oferta na feira são maiores e há o retorno dos jovens do corte de cana, que trazem consigo a poupança desses meses de trabalho.

## Programas de desenvolvimento a partir das feiras livres

Estudos sobre feiras livres revelam rapidamente os pontos críticos e potencialidades dessa atividade. De posse dos resultados de pesquisa como estes de Minas Novas, chega o momento em que todos os interessados devem buscar a unidade pela melhoria da feira, da agricultura familiar, do desenvolvimento sustentável. Nessas horas se descobre que somente ações concertadas são viáveis. Por isso, nos municípios onde há relações de cooperação entre as organizações municipais - Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável (CMDRS), Sindicatos de Trabalhadores Rurais (STRs), prefeitura, ONGs, Assistência Técnica e Extensão Rural pública (Ater) e outras - há maior chance de sucesso.

Resultados de pesquisa indicam as linhas de ação, e cada uma delas pode ser liderada por uma organização, antenada com outras ações convergentes que são priorizadas pelo coletivo das organizações e dos feirantes do município. Essa experiência de atuação em feiras tem revelado fortes demandas e potencialidades de atividades, como nas áreas de transporte, aproveitamento de sobras de produtos, crédito rural, educação de adultos, programas urbanos de segurança alimentar, conservação de recursos hídricos, horticultura orgânica e muitos outros.

Por envolver públicos com características distintas, como feirantes, comerciantes e consumidores de todas as faixas de renda, a ação na feira tem seu impacto multiplicado e de grande abrangência, com diferentes resultados em inúmeros aspectos relacionados à qualidade de vida, como, por exemplo, renda e alimentação. Mineiros gostam de dizer que negócio bom é aquele em que as duas partes ganham. Por isso, a feira livre é mais que bom, é ótimo, porque agrada quem compra e quem vende, beneficia o comércio *de rua* e abre espaços para uma ação pública propositiva de prefeituras, que transformem feiras num negócio cada vez melhor para os produtores e para o município.

### **\*Eduardo Magalhães Ribeiro:**

*economista, professor do Núcleo PPJ da Universidade Federal de Lavras (Ufla) e coordenador do Programa de Apoio às Feiras Livres do Alto e Médio Jequitinhonha (Convênio Ufla/CAV). eduardomr@ufla.br.*

### **Boaventura Soares de Castro:**

*técnico do Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica (CAV) de Turmalina (MG) e coordenador do Programa de Apoio às Feiras Livres do Alto e Médio Jequitinhonha (Convênio Ufla/CAV). cavi@uai.com.br*

### **Luiz Henrique Silvestre:**

*administrador, mestrando em Administração do Núcleo PPJ/ Ufla. lhsilvestre@yahoo.com.br*

### **Juliana Sena Calixto:**

*engenheira florestal, coordenadora do Núcleo PPJ/Ufla. jujucalixto@yahoo.com.br*

### **Daniel Prado Araújo:**

*estudante de Agronomia do Núcleo PPJ/Ufla. ppj@ufla.br*

### **Flávia Maria Galizoni:**

*antropóloga, bolsista CNPq do Núcleo PPJ/Ufla. flaviagalizoni@yahoo.com.br*

### **Eduardo Barbosa Ayres:**

*engenheiro agrônomo, coordenador do CRSAN/Alto e Médio Jequitinhonha. eduardoturmalina@yahoo.com.br*

## Referências:

ANGULO, J. L. G. *Feira e desenvolvimento local: o caso de Turmalina, vale do Jequitinhonha, MG.* Lavras, UFLA, 2002. Dissertação de mestrado apresentada à PPGA.

NORONHA, A. G. B. *O tempo de ser, fazer e viver: modo de vida das populações rurais do alto Jequitinhonha, MG.* Lavras, UFLA, 2003. Dissertação de mestrado apresentada à PPGA.

RIBEIRO, E. M.; GALIZONI, F. M. Sistemas agrários, recursos naturais e migrações no alto Jequitinhonha, Minas Gerais. In TORRES, H.; COSTA, H. (Org). *População e meio ambiente: debates e desafios.* São Paulo: Senac, 2000.

RIBEIRO, E. M. et al. Feira e trabalho rural: um estudo de caso em Turmalina. *Unimontes Científica*, Montes Claros, v. 5, n. 1, jan./jun. 2003.

RIBEIRO, E. M.; CASTRO, B. S.; RIBEIRO, J. A. (coord.) *A feira livre de Minas Novas: abastecimento urbano, consumo e renda para a agricultura familiar.* Lavras, Turmalina, Minas Novas. Relatório de Pesquisa, maio de 2004.